

O SUJEITO MULTIVOCAL E SOCIAL NO CÍRCULO DE BAKHTIN: A FORMAÇÃO DO SUJEITO-ALUNO

THE MULTIVOCAL AND SOCIAL SUBJECT IN THE BAKHTIN CIRCLE: THE EDUCATION OF THE SUBJECT-STUDENT

Gisele dos Santos da Silva¹

RESUMO: Este artigo busca discutir a formação do aluno enquanto sujeito multivocal e social conforme os conceitos de discurso, dialogismo e língua como fator social, vinculados ao Círculo de Bakhtin. Assim, além de tais conceitos, outras ideias do Círculo são retomadas e relacionadas aos estudos de pensadores como Foucault e Vigotski corroborando a reflexão acerca do papel dos vários discursos na aprendizagem e formação do sujeito-aluno, também considerando a abordagem crítica de letramento e o papel do professor em tal processo.

Palavras-chave: O Círculo de Bakhtin; dialogismo; sujeito multivocal.

ABSTRACT: This paper aims at discussing the student formation as a multivocal and social subject according to the concepts of discourse, dialogism and language as a social factor, all related to the Bakhtin Circle. Therefore, besides these concepts, other ideas from the Circle are connected to other language studies, such as those of Foucault and Vigotski. These interconnections give support to the reflection on the role of various discourses in learning and the subject-student formation, also considering a critical literacy approach and the teacher's role in this process.

Keywords: The Bakhtin Circle; dialogism; multivocal subject.

1. INTRODUÇÃO

Ler e estudar os textos do Círculo de Bakhtin parece, em um primeiro instante, um desafio. Desafio este aceito por vários estudiosos, tanto por aqueles mais experientes quanto por iniciantes nos estudos da linguagem. Não é por acaso que as ideias de Bakhtin têm sido estudadas e aplicadas em diferentes esferas do

¹ Mestranda em Letras, UFPR.

conhecimento humano, isto é, seus pensamentos permeiam a literatura, a linguística, a psicologia e outras áreas de conhecimento. Posto isso, depois de aceito o desafio de estudar alguns textos do Círculo, neste artigo serão discutidas algumas reflexões dos pensadores que o integravam, dando especial atenção a um dos conceitos mais importantes advindos do pensamento bakhtiniano: o conceito de sujeito multivocal.

A escolha de abordar, em especial, a formação do sujeito multivocal em Bakhtin se deve ao fato de ser essa uma das questões que envolvem o trabalho do profissional da educação, uma vez que o professor está em contato direto com a formação do sujeito e, para tanto, é importante reconhecer e compreender quais são as vozes que embasam o discurso de cada indivíduo, principalmente o discurso do sujeito-aluno. Além disso, é necessário refletir como essa noção de sujeito-aluno pode afetar o trabalho de letramento.

Sendo assim, primeiramente é preciso revisitar algumas acepções cunhadas por Bakhtin que são necessárias para a compreensão do sujeito multivocal e, conseqüentemente, importantes para a discussão aqui proposta. Segundo o pensador, o sujeito é um ser social que se manifesta e interage por meio da linguagem, ou seja, pelo discurso. Portanto, o discurso deve ser entendido como *linguagem em uso*.

2. REVISITANDO ALGUNS CONCEITOS DO CÍRCULO BAKHTINIANO: PALAVRA, LÍNGUA SOCIAL E DISCURSO

Quando falamos em discurso, inevitavelmente lembramo-nos da palavra. Na linguagem verbal, as palavras são responsáveis pelas materializações ideológicas do sujeito. Vale lembrar que, no Círculo de Bakhtin, ideologia é sinônimo de expressão da consciência. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*² (1995), uma das discussões

² Devido ao problema de atribuição autoral do texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* — escrito por V. N. Volochinov, mas que tem sua autoria atribuída a M. Bakhtin — optei por fazer referência a ambos os autores.

apresentadas no primeiro capítulo se debruça sobre o caráter dúbio da palavra, já que esta é tanto um signo neutro quanto um fenômeno ideológico por excelência. Como defende Bakhtin em *Os gêneros do discurso*, “[a]s palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários.” (1995, p. 309). Isso se deve ao fato de que a palavra por si só não possui um valor ideológico, mas é passível de se tornar um signo ideológico à medida que é utilizada pelo sujeito em um grupo no decorrer de suas relações sociais. Sendo assim, como se encontra em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, o signo ideológico acontece em um terreno interindividual e não no consciente individual do sujeito, ou seja, qualquer signo só existe na relação sócio-ideológica entre indivíduos, pois

[...]. A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. [...] (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 35).

Portanto, a palavra é tida como signo ideológico por excelência porque, mesmo sendo neutra, ela pode preencher qualquer forma de expressão ideológica, além de ser o “material privilegiado da comunicação na vida cotidiana” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1995, p. 35), permitindo qualquer espécie de criação ideológica; logo, ela está presente em todo ato consciente e inconsciente de cada sujeito.

Outro tema que Bakhtin aborda em seus estudos é a questão da língua social. Tanto para Bakhtin quanto para Saussure a língua é social. No entanto, o estruturalismo saussureano considera a língua como uma faculdade da linguagem que se apresenta dicotomicamente em relação à fala. Nessa visão estruturalista, a língua é tida como um sistema de normas linguísticas descritas em um plano sincrônico a serem seguidas por falantes de uma dada língua. A língua (*langue*) se situa no campo

do social, pois Saussure a vê como uma forma de acervo linguístico, instituição social e realidade sistemática e funcional. Sendo assim, a língua enquanto acervo guarda toda a experiência acumulada por um povo durante a sua existência; também considera que a língua não estaria completa individualmente, uma vez que só se concretiza em massa (isto é, na sociedade).

Além disso, sendo a língua e a fala vistas separadamente, a fala assume caráter individual. Assim, Saussure assume que “[c]om o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.” (2006, p. 22). É a partir dessa aceção de língua que temos o distanciamento de Bakhtin/Voloshinov das ideias de Saussure. No pensamento bakhtiniano, a língua é parte do enunciado e este, por sua vez, não é um fato individual como propunha Saussure ao separar língua de fala e considerar esta última como individual para cada sujeito.

Em outras palavras, o papel social da língua para Saussure está no acordo linguístico existente entre os membros de uma dada sociedade, sendo esse acordo exterior ao indivíduo, ou seja, a língua social está no padrão normativo de linguagem seguido pela sociedade. Vale ressaltar que esse papel social da língua está relacionado à *langue* e não à *parole*. Já Bakhtin vê a língua como fato social, partindo do ponto de vista que a linguagem se faz num âmbito social e que todo discurso é carregado de ideologia e história de um grupo social. Nesse viés, Bakhtin considera a língua como um *processo*, ou seja, ela está suscetível ao contexto de produção, tomando sentido em cada caso de produção, trazendo dentro do discurso toda uma carga ideológica adquirida nesse contexto; por isso não é algo pronto e acabado, como acreditam os estruturalistas que enxergam a língua como *produto*.

Podemos considerar, então, que a língua para Bakhtin é assumida como um objeto sociointerativo que traz em si toda uma carga ideológica, cultural e histórica de um grupo social, daí seu papel social. Por outro lado, na visão estruturalista de

Saussure, o aspecto social da língua está no fato de esta ser um sistema de normas convencionadas por um grupo social que é passado de geração para geração. O conceito de língua social está relacionado com a ideia de sujeito multivocal porque, como já fora dito anteriormente, o sujeito interage com o meio social por meio da linguagem, e conhecer essas duas visões de língua (estruturalista e sociointeracionista) é relevante para entender como são determinadas as vozes que constituem o discurso de cada sujeito.

Passamos agora para a discussão acerca do discurso. Segundo o pensamento bakhtiniano, o discurso acontece por meio de enunciações em determinado momento e contexto social, histórico e cultural, adquirindo em dado contexto sua significação, ou seja, o discurso se realiza no âmbito social na interação entre interlocutores, daí a concepção de discurso dialógico da qual Bakhtin trata em seus estudos. Em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, Bakhtin aborda a relação dialógica que circunda cada enunciado, afirmando que

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1988, p. 86).

Dessa maneira, podemos conceber o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e igualmente do discurso. O discurso é dialógico porque ele surge da relação entre locutor e interlocutor, ou seja, o discurso se orienta para uma possível resposta para que haja compreensão, sentido e interação. Então, o discurso acontece desse diálogo entre enunciados em determinado contexto social. Como explica Bakhtin,

O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 1988, p. 89, destaque no original).

Portanto, o discurso é fruto da interação entre falante e ouvinte e, além de comportar a linguagem em uso, também é dotado de ideologia, pois em cada enunciação concreta, o falante tem uma intenção ou motivação ao proferir seu discurso. Assim,

Na vida real do discurso falado, toda compreensão concreta é ativa: ela liga o que deve ser compreendido ao *seu próprio* círculo, expressivo e objetual e está indissolúvelmente fundido a uma resposta, a uma objeção motivada — a uma aquiescência. Em certo sentido, o primado pertence justamente à resposta, como princípio ativo: ela cria o terreno favorável à compreensão de maneira dinâmica e interessada. A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra. (BAKHTIN, 1988, p. 90, grifo no original).

Vale lembrar ainda que, apesar de nos valermos da língua para concretizar nossos enunciados, é preciso separar a noção de língua e discurso. A língua por si só, cada palavra isolada, pode ser considerada como neutra. Como já citado, Bakhtin propõe, em *Os gêneros do discurso*, que as palavras não pertencem a ninguém e não têm caráter valorativo por si só, ou seja, a palavra pode ser adotada por qualquer locutor na interação verbal. Dessa maneira, a palavra (a língua) passa a ter significação na comunicação verbal, na constituição de enunciados acabados e com sentido completo (discursos) e, logo, também passa a ser um signo ideológico. Em outras palavras, a língua em si não carrega uma ideologia; a ideologia se manifesta em cada novo discurso de cada sujeito.

Mas o que toda essa reflexão a respeito de língua e discurso tem a ver com a formação do sujeito multivocal do qual falávamos no início deste texto? Todos esses

conceitos que viemos discutindo até aqui estão diretamente ligados à formação do discurso individual de cada sujeito sobre o qual trataremos na seção seguinte.

3. O PAPEL DO DISCURSO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO MULTIVOCAL E SOCIAL

O sujeito, ao contrário do senso comum de que *somos donos de nossas palavras*, tem seu discurso atravessado pelas palavras e vozes de muitos outros sujeitos. Como defendido por Bakhtin/Voloshinov, o *eu* é na verdade um *nós*. Isso significa dizer que nosso discurso não é único e *puro*. Cada sujeito traz em seus enunciados resquícios de outros discursos pré-existentes que o influenciam de certa forma. Essas *vozes alheias* vêm do discurso da família, da escola, dos colegas de trabalho, dos amigos, da igreja, do meio social ao qual cada um pertence. Percebidamente, ou não, incorporamos ao nosso discurso, ao nosso fazer ideológico, as vozes que refletem aquilo em que acreditamos. Como ressalta Bakhtin:

A época, o meio social, o micromundo — o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas — que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apoiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de ideias diretrizes que emanam dos “luminares” da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc. [...]. (BAKHTIN, 1992, p. 313, destaque no original).

Assim, podemos acrescentar que o discurso de cada sujeito reflete e refrata, ou seja, reflete uma voz ideológica pré-existente e refrata a posição daquele sujeito que fala naquela situação dialógica específica. Dessa maneira, apesar do discurso individual ser influenciado por vários outros discursos, ele se torna único e com sentido próprio para aquele momento e contexto histórico, social e cultural em que se concretiza, isto é, o discurso se renova (refrata) em cada nova interação verbal.

Em outras palavras, o discurso individual decorre das experiências sociais de cada sujeito e é construído socialmente na interação com o contexto. Sendo assim, cabe afirmar que cada sujeito é fruto de um meio social, ou seja, cada indivíduo se *molda* pelo ambiente em que vive, adquirindo traços da cultura, história, crença e ideologia local em seu modo de agir, pensar e interagir — verbalmente ou não.

A título de comparação, podemos revisitar o que Michel Foucault — importante contribuinte para os estudos da linguagem e amplamente estudado na área de análise do discurso — entende por discurso. Para Foucault (2002, 2010), o discurso também é entendido como uma prática social localizada em determinado contexto institucional e consumado historicamente, à medida que os dizeres (enunciados) que circulam socialmente são capazes de construir os sujeitos e objetos da sociedade. O discurso não se resume a estruturas linguísticas, mas é visto como enunciações que permeiam o pensamento de uma sociedade, em que existem procedimentos controladores do discurso, regulando o que pode ser dito ou não naquele contexto.

Semelhantemente a Bakhtin, Foucault (2002, 2010) também propõe que o discurso de cada sujeito é resultado de uma prática social carregada de significações ideológicas. Novamente, o sujeito é multivocal e o discurso é dialógico. Portanto, não restam dúvidas de que cada indivíduo é um sujeito social na visão desses autores.

Sabemos que o discurso é dialógico e social, mas e nossa consciência? Somos os únicos responsáveis por nossos pensamentos? Essa é uma inquietante questão a que, em um primeiro momento, poderíamos responder que sim, que somos donos de nossos próprios pensamentos. No entanto, ainda é possível questionar: como construímo-nos intelectualmente e em quais princípios nosso intelecto se embasa? Ou será que somos seres desenvolvedores de consciência independente de nossa relação com as coisas do mundo?

Para responder tal questão, retomemos o trabalho do psicólogo russo L. S. Vigotski. Em sua obra *A formação social da mente* (2007), Vigotski — como sugerido

no próprio título do livro — apresenta um estudo que observa o desenvolvimento intelectual do ser humano através do comportamento. Para a realização dessa pesquisa, o estudioso utilizou o método experimental para observar o desenvolvimento do raciocínio e o processo de aquisição da fala em crianças. De maneira geral, o psicólogo vai de encontro à teoria inatista (que defende que o ser humano carrega desde o nascimento características inatas que serão desenvolvidas ao longo da vida) e também se opõe às visões empiristas e comportamentalistas (que acreditam que o ser humano é um produto formatado por estímulos externos). Para Vigotski (2007), o desenvolvimento humano acontece pela interação do homem com o ambiente, ou seja, o aprendizado individual é mediado por instrumentos e pela linguagem, que permitem a interação com o ambiente — o mundo. Na visão vigotskiniana sobre o desenvolvimento da fala, por exemplo, propõe-se que a criança já nasce com condições biológicas de falar, mas o desenvolvimento da fala só será efetivo se a criança se relacionar com o ambiente que a rodeia.

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas características humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (VIGOTSKI, 2007, p. 12).

Como vimos, na psicologia sociointeracionista de Vigotski, o desenvolvimento do intelecto humano ocorre em uma relação dialética entre características internas e externas ao indivíduo, ou seja, o desenvolvimento da mente advém de um processo social por meio das experiências do indivíduo em determinado ambiente — o que Vigotski (2007) chama de experiência pessoalmente significativa.

Porém, qual a relação entre o desenvolvimento da mente para o sociointeracionismo e o conceito de sujeito multivocal e social bakhtiniano? Assim como na psicologia vigotskiana, para Bakhtin/Voloshinov o homem se constrói na e

pela interação com o ambiente (contexto) por meio de discursos. Voltando-se para a questão do discurso, Bakhtin apresenta o homem como fruto de um diálogo interno com o externo. Como declara Bakhtin em *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*: “Estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual é determinado” (1988, p. 99). Em outras palavras, poderíamos dizer que o homem não existe sem um contexto social, assim como é responsável por esse contexto. A relação “interno-externo” é uma relação em que há certa dependência mútua, pois o sujeito depende tanto de sua consciência quanto das vozes que o circundam para se constituir como um ser que interage e age em certo ambiente social de maneira a ter seu discurso e intenção compreendidos.

Portanto, não é estranho quando alguém diz “você é tão parecido com tal pessoa”, ou “você me lembra aquela pessoa”. Se somos sujeitos que interagem pela linguagem e esta, por sua vez, é claramente dialógica, logo seremos lembrados pelos discursos que nos rodeiam em nosso meio social, histórico, cultural e ideológico. É por isso, também, que cada indivíduo é único em sua maneira de se posicionar socialmente, já que cada um reflete e refrata em seu discurso aquilo que condiz com suas idealizações. Isso significa que não somos apenas reprodutores de vozes alheias; ao contrário, criamos nossa própria voz com base naquilo que é significativo para nós e, cada vez que proferimos um novo enunciado, este se renova, pois faz parte de um determinado contexto e em um momento único, ou seja, não é possível reproduzir um enunciado duas vezes identicamente ao longo da vida. O sujeito é dialógico, pois está em constante diálogo com outros discursos. Carlos Faraco se posiciona em relação ao conceito de dialogismo e o resume de uma forma muito clara:

[...] gostaríamos de dizer que não nos incluímos entre aqueles que entendem o dialogismo como um conceito dentre outros, como um instrumento a que Bakhtin recorre para abordar aspectos do real. Preferimos nos incluir entre aqueles que entendem o dialogismo como uma *Weltanschauung*, como um olhar

compreensivo e abrangente do ser do homem e de seu fazer cultural. Um olhar que não está mirando apenas aspectos desse real, mas pretende captá-lo numa perspectiva de globalidade; que pensa a cultura como um vasto e complexo universo semiótico de interações axiologicamente orientadas; e entende o homem como um ser de linguagem (e, portanto, impensável sob a égide do divórcio homem/linguagem), cuja consciência, ativa e responsiva (e não mero reflexo do exterior, nem origem absoluta da expressão, mas *locus* dinâmico do encontro dialógico do externo e do interno), se constrói e se desenvolve alimentando-se dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação sociosemiótica, donde emergem seus gestos singulares. (FARACO, 2007, p. 101, grifos no original).

Com essa discussão acerca do sujeito, queremos chegar a uma sucinta reflexão a respeito do sujeito-aluno, com o qual nos deparamos em sala aula. Passemos, então, a ela.

4. O SUJEITO-ALUNO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM: ALGUMAS CONCLUSÕES

Em uma instituição como a escola, o professor vive em contato com diferentes sujeitos (cada qual com suas histórias, crenças e comportamentos) e com muitos discursos, mas nem sempre esse profissional se questiona sobre a origem do discurso daquele que é fruto de seu trabalho: o sujeito-aluno. Se pensarmos em uma turma regular do ensino público, com cerca de trinta alunos em uma sala, não teremos nesse ambiente apenas trinta discursos diferentes. Teremos, então, muitas outras vozes constituindo cada um desses sujeitos. Vozes que vêm de diferentes instituições como a família, a igreja, o círculo de amizades, a escola, etc. E como nós, professores, lidaremos com todas essas vozes ao mesmo tempo? Ou melhor, como essas vozes serão importantes para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula? Se considerarmos a visão do professor como um mediador no processo de aprendizagem, por exemplo, para que este possa desempenhar adequadamente esse papel de mediador será necessário conhecer o seu interlocutor — ou interlocutores — a fim de

desenvolver uma prática de ensino eficaz. Para tanto, o docente estará dialogando com diferentes vozes e, a partir dessas vozes, ele será capaz de conhecer melhor o sujeito-aluno e ajudá-lo na reflexão sobre a importância de determinado conteúdo para sua realidade e sua formação.

Em outras palavras, levando em consideração que o processo de ensino-aprendizado deve ser significativo para a realidade e a vida do aluno, se o professor consegue identificar os diferentes discursos (e a ideologia) constituintes do discurso de cada aluno, será mais fácil compreender as dificuldades que o aluno enfrentará e o que realmente será importante para ele aprender, em uma perspectiva na qual o aluno se enxergue como um sujeito crítico e interagente por meio da linguagem. Vale ressaltar também o fato de o ensino se situar em um determinado contexto, construir-se socialmente e ser, ainda, uma prática ideológica.

É importante deixar claro que, para essa reflexão sobre sujeito-aluno e o processo de ensino-aprendizagem, adotamos a concepção de letramento crítico no ensino de língua. Em suma, o letramento crítico defende o desenvolvimento do pensamento crítico no aprendizado de uma língua, considerando a língua como prática social e o discurso como mecanismo de manifestação ideológica, em que o pensamento crítico e a interpretação do mundo acontecem à medida que o sujeito se percebe como participante de um determinado contexto social, histórico, cultural e ideológico. Essa noção de letramento crítico compreende a percepção de língua como prática social e de discurso ideológico, conforme proposto no Círculo de Bakhtin. Sendo assim, nessa perspectiva de letramento, o sujeito-aluno irá aprender e criar suas significações conforme suas experiências em determinado contexto, ou seja, o aprendizado é social, assim como o discurso é socialmente constituído. Segundo Clarissa Jordão,

[...] existe o entendimento de que os sujeitos constroem suas idealizações e representações (narrativas e metanarrativas) socialmente, conforme sua interação com diferentes comunidades interpretativas; estas narrativas que não devem ser *impostas* aos outros, nem a eles apresentadas como se fossem visões

essencialmente melhores ou piores, mais próximas ou mais distantes de uma suposta verdade. Tais julgamentos de valor são percebidos como *atribuídos* social e culturalmente a essas narrativas, e como tal serão considerados e questionados. (JORDÃO, 2007, p. 29. grifos no original).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa perspectiva geral, este breve estudo trouxe à tona a reflexão sobre algumas contribuições do Círculo de Bakhtin para o estudo da linguagem, com as quais pudemos verificar que o sujeito é um ser dotado da especificidade da linguagem e é por meio dela, em forma de discurso, que ele interage e age no meio social. E, sendo o discurso formado por diferentes vozes vindas do âmago da sociedade, então o discurso e o sujeito multivocal são sociais. Cada sujeito resulta do contexto social, histórico, cultural e ideológico em que vive. Somos reflexos do nosso meio, assim como refletimos e refratamos esse meio em nossas vozes e interações diárias. Concluímos, também, que noções como as de língua, de dialogismo, de discurso e de sujeito multivocal estão relacionadas com a formação do indivíduo e que nós, enquanto professores-formadores de língua materna e de segunda língua, precisamos compreender como esses conceitos influenciam e fazem parte do nosso trabalho. Se o discurso de cada sujeito é fruto de várias outras vozes, o professor deve estar apto a orientar o aluno no desenvolvimento do pensamento crítico, para que o estudante não se veja apenas como um leitor crítico de textos, mas sim como um agente transformador da realidade social em que vive por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARACO, Calos Alberto. "O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica" In FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (org.). *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007, pp. 97-108.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

JORDÃO, Clarissa Menezes. "O que todos sabem... ou não: letramento crítico e questionamento conceitual" In *Revista Crop*. dez. 2007, pp. 21-46. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlm/ingl%EAs/crop>>. Acesso em jun. 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovick. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetido em: 07/09/2015

Aceito em: 04/10/2015